

A presença inspiradora de Padre Léon Dehon nos escritos e nas canções de José Fernandes de Oliveira (Padre Zezinho)

Victor de Oliveira Barbosa¹

Resumo: Este artigo procura apresentar o ensinamento do Padre Zezinho sobre Padre Dehon, fundador de sua família religiosa, a Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus. A análise dos três livros biográficos e da canção biográfica de Padre Zezinho sobre o sacerdote francês oferece uma visão de sua proposta de vida, que sabe conciliar vida contemplativa e vida ativa, misticismo e apostolado social, sob o signo do Coração de Jesus. Padre Zezinho apresenta o ideal do “jovem sonhador” que lutou pelo estabelecimento do Reino do Coração de Jesus nas almas e nas sociedades e que pode ser proposto como modelo de santidade para nossos tempos.

Palavras-chave: Padre Dehon; Padre Zezinho; Padre José Fernandes de Oliveira biografia; ensinamento; modelo.

Abstract: This article seeks to present the teaching of Father Zezinho on Father Dehon, founder of his religious family, the Congregation of the Priests of the Sacred Heart of Jesus. The analysis of the three biographical books and the only

1. Mestre em Teologia Espiritual pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma; Graduado em Teologia pela Faculdade Dehoniana, Taubaté/SP, e com formação filosófica pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC. Presbítero dehoniano e membro do Centro de Estudos Dehonianos, na Casa Geral da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, em Roma.

biographical song of Father Zezinho on the French priest offers an insight into his proposal of life that knows how to reconcile contemplative life and active life, mysticism and social apostolate, under the sign of the Heart of Jesus. Father Zezinho presents the ideal of the “young dreamer” who fought for the establishment of the Kingdom of the Heart of Jesus in souls and in societies and who can be proposed as a model of holiness for our times.

Keywords: Father Dehon; Father Zezinho; Father José Fernandes de Oliveira; biography; teaching; model

Introdução

Padre Zezinho, membro da Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, desde muito jovem aprendeu a amar e admirar Padre Dehon, fundador da sua família religiosa. Não poucas vezes o seu ensinamento, ao longo de mais de cinquenta anos de ministério como sacerdote, catequista e comunicador, apoia-se naquilo que recebeu em sua formação como dehoniano e naquilo que aprendeu ao longo do seu caminho vocacional. Naturalmente, Padre Dehon aparece como inspiração: podemos identificar a influência que o sacerdote francês exerce na vida de Padre Zezinho e mesmo delinear um seu ensinamento que transmite sobre Padre Dehon.

Nesse artigo, procuramos delinear a figura de Leão Dehon segundo a visão de Padre Zezinho. Não é fácil dizer qual seja a visão de alguém prescindindo do aspecto subjetivo. Por isso, valendo-nos do dado objetivo, procuramos identificar qual seja o ensinamento de Padre Zezinho sobre Padre Dehon principalmente nos seus escritos. Será objeto da nossa análise quatro biografias que Padre Zezinho escreve sobre Padre Dehon, três delas em forma de livro, a quarta em forma de canção. Uma biografia é sempre um ponto de vista do autor, e cada uma dessas quatro biografias nasce da experiência que Padre Zezinho faz do seu Fundador e revela, portanto, um aspecto do significado dessa experiência na sua própria vida. Encontraremos um Padre Zezinho que, além de ser encantado pela vida de Padre Dehon, encontrou nele um modelo para guiar os caminhos do seu próprio ministério. Leão Dehon, na interpretação de Padre Zezinho, soube unir vida de contemplação e de ação, mística e apostolado social, e ensinou não apenas com

palavras e obras, mas com a própria vida. Alguém que soube viver assim o seu ideal pode, segundo Padre Zezinho, ser apresentado como um modelo para todos os tempos.

1. Livros biográficos

Uma das principais fontes para conhecer o ensinamento de Padre Zezinho sobre Padre Dehon, fundador da sua Congregação, são os seus livros biográficos. De fato, Padre Zezinho escreveu três biografias de Padre Dehon, duas delas no primeiro centenário de fundação da Congregação, em 1978, e uma terceira mais tarde. Em cada uma dessas obras, nosso autor apresenta uma descrição do seu Fundador, quer dos momentos significativos da sua vida, quer principalmente das características de sua personalidade. O acento é particularmente sobre a dimensão espiritual e social da atuação de Padre Dehon no seu tempo, como sacerdote, fundador e formador de opinião. Não obstante, em cada uma das três biografias podemos encontrar elementos específicos da visão de Padre Zezinho, seja ponderando o público para quem escreve, seja considerando, sobretudo a terceira biografia, um amadurecimento da própria compreensão sobre o personagem.

1.1 “Por causa de um certo reino”

O primeiro livro escrito por Padre Zezinho a respeito de Padre Dehon é “Por causa de um certo reino: história de Leão João Dehon e sua incrível paz inquieta”, publicado pelas edições Paulinas em 1978, em convênio com os Padres do Sagrado Coração de Jesus da antiga Província BM (Brasil Meridional). O subtítulo diz em essência o conteúdo do livro: é uma história, ou seja, uma biografia de Leão João Dehon – Padre Zezinho diz que decidiu escrever essa biografia, contra a sua própria promessa de não fazê-lo, porque ficou encantado com o que Leão Dehon fez, pensou e escreveu² – alguém que viveu uma “paz inquieta” que, segundo o

2. Cf. José Fernandes de OLIVEIRA, *Por causa de um certo reino: história de João Leão Dehon e sua incrível paz inquieta*, 1978, p. 6.

autor do livro, é a expressão que mais caracteriza o seu Fundador. De fato, toda a primeira parte da obra é intitulada “A paz inquieta de Leão Dehon”, na qual Padre Zezinho tenta traçar elementos da personalidade do personagem: é um homem de “ideias modernas e avançadas”³, um rapaz francês que podia ter tudo o que o dinheiro pode dar e resolveu ser padre, um homem que resolveu imitar Cristo na “paz inquieta” porque tinha o temperamento “fugoso e rebelde”⁴, um jovem que tinha conquistado quatro lãureas em universidades de renome – advogado, filósofo, sociólogo e teólogo⁵. Essas expressões marcantes revelam as cores das tintas com as quais Padre Zezinho pinta a imagem de Padre Dehon.

A expressão que dá nome ao livro, “Por causa de um certo reino”, resume, segundo Padre Zezinho, aquilo que Padre Dehon propôs com a sua vida e ação: ele sonhava com o Reino do Coração de Jesus e lutou para que esse sonho saísse do projeto e se fizesse realidade⁶. Nessa perspectiva, o ideal de Padre Dehon, na obra de Padre Zezinho, aparece como um misto de vida contemplativa e vida apostólica: realmente, afirma o nosso autor, “não seria exagero afirmar que Leão Dehon conseguiu ser ao mesmo tempo um místico e um ativista incontrolável, por mais paradoxal que isso pareça”⁷. E porque lutava “por causa de um certo reino”, o Reino do Coração de Jesus, Leão Dehon é apresentado como alguém que tinha um claro posicionamento político: era um democrata convicto, que não admitia nem a oligarquia e a nobreza decadente, nem o totalitarismo social marxista que surgia naquele seu contexto⁸.

O restante da primeira parte dessa obra procura apresentar elementos essenciais da história da vocação de Leão Dehon: a influência da educação religiosa recebida da mãe Estefânia e a oposição do pai que não queria um filho sacerdote; a experiência da injustiça social como pecado na França do seu tempo; a importância de “ir ao povo” e sentir com o povo, particularmente com

3. Cf. *Idem*, p. 11.

4. Cf. *Idem*, p. 17.

5. Cf. *Idem*, p. 19.

6. Cf. *Idem*, p. 23.

7. *Idem*, p. 24.

8. Cf. *Idem*, p. 27.

os operários da época; a consciência de que um padre não tem o direito de ser medíocre e que deve estudar; o ideal de reparação resumido na expressão “viver como Jesus viveu”; o “voto de vítima” entendido como desejo de ter um coração como o Coração de Jesus; o desejo de ser santo, mas não de ser canonizado; as suas palavras finais no leito de morte, apontando para o Coração de Jesus, que sintetizam a sua vida: “por ele vivi, por ele morro”⁹. Essa primeira parte é concluída com uma relação de datas e fatos, em sequência cronológica, que apresentam “Leão João Dehon e seus momentos memoráveis”¹⁰.

A segunda parte da obra de Padre Zezinho centra-se sobre as ideias de Leão Dehon. É uma coletânea de citações de textos de Padre Dehon, mesmo se a maioria deles sem uma clara referência bibliográfica, que expressam particularmente as suas ideias sociais, políticas, eclesiais, educacionais e espirituais. A seleção de textos feita por Padre Zezinho indica os traços do pensamento do seu Fundador que mais lhe chamam a atenção. A terceira e última parte do livro, cujo título é “Um homem chamado João”¹¹, traz uma seleção de fotos e imagens que representam fatos e momentos da vida de Padre Dehon, com acréscimos de trechos principalmente dos seus manuscritos autobiográficos e da Regra de Vida dos Sacerdotes do Coração de Jesus.

1.2 “Leão Dehon em 1 minuto”

Esse pequeno livro, publicado também em 1978, ano do centenário de fundação da Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, pelas edições Paulinas, reúne uma série de pensamentos a partir dos diversos escritos de Padre Dehon através dos quais Padre Zezinho apresenta “um profeta e suas ideias, algumas das quais ultrapassam o próprio Vaticano II”¹². O livro introduz algumas informações biográficas de Padre Dehon, quase sempre embasadas nos seus diários: sua mãe Estefânia, seu pai Júlio Dehon, sua

9. Cf. *Idem*, p. 103.

10. Cf. *Idem*, p.108-109.

11. Referência ao nome de profissão religiosa escolhido por Padre Dehon em 28 de junho de 1878: *Jean du Coeur de Jésus*.

12. José Fernandes de OLIVEIRA, *Leão Dehon em 1 minuto*, 1978, p. 7.

vocação contrariada, sua formação de juventude, seu diretório íntimo, sua vida de neossacerdote, seu trabalho com os jovens, a realidade do mundo e da sociedade do seu tempo na França do século XIX. Depois, Padre Zezinho dedica boa parte do livro à visão sociológico-política de Leão Dehon, tomando textos de diversas suas obras sociais. Chama a atenção a sua proposta política do Reino do Coração de Jesus: a sua crítica ao capitalismo e à questão social no mundo operário; a sua oposição ao socialismo; o seu programa de democracia cristã, fundado sobre a encíclica *Rerum Novarum*, do papa Leão XIII; a crítica à usura; a ideia de um salário justo não para o indivíduo, mas para a família do trabalhador; a luta pelos direitos trabalhistas.

Padre Zezinho propõe, em seguida, a Igreja com que Dehon sonhou, uma Igreja que está ao lado dos mais pobres, uma Igreja que vai ao encontro do povo, uma Igreja que age em favor do povo e se empenha em questões sociais e econômicas, uma Igreja que é fiel aos apelos do Papa, uma Igreja que defende a justiça, a fraternidade e a igualdade social. Para a realização desse sonho, Padre Dehon propõe um novo modelo de padres, que sejam dedicados aos estudos sagrados (bíblia, teologia, moral), que sejam homens de oração e de santidade, que sejam próximos do povo e saibam escutar seus apelos, que sejam homens dos estudos e das obras sociais, que intervenham no mundo social, que não tenham ideias tímidas, que não fiquem escondidos na sacristia e distantes do povo.

Partindo desse ideal, Padre Zezinho apresenta a Congregação fundada por Padre Dehon, uma congregação cujo fim é procurar a glória de Deus mediante a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que pratica a adoração reparadora, cujos membros vivem como vítimas numa vida de oblação e inteira disposição à vontade de Deus, cujo apostolado deve visar à implantação do Reino do Coração de Jesus nas almas e nas sociedades. Os religiosos dessa Congregação vivem um zelo apostólico ardente, a adoração reparadora e a oferta quotidiana de si mesmos ao Coração de Jesus. Padre Zezinho afirma que a reparação é o grande ideal de vida de Padre Dehon, o Reino do Coração de Jesus o seu grande projeto e o próprio Coração de Jesus o grande amor da sua vida, o que revela nas suas últimas palavras no leito de morte: “Por ele vivi, por ele morro”.

Em “Leão Dehon em um minuto”, é o próprio Padre Zezinho quem nos dá uma definição de quem foi Padre Dehon de um modo muito simples e claro:

Recolhi as principais ideias do padre que fundou o grupo religioso ao qual pertencço e que foi filósofo, teólogo, sociólogo, advogado e outras coisas mais. Seu sonho era ver estabelecido no mundo o Reino do Coração de Jesus. Místico e ativista social, daqueles que vivem às portas de sindicatos, em fábricas e periferias, Dehon tinha muito o que a dizer a respeito dos direitos humanos. E o disse¹³.

1.3 “João Leão Dehon: o profeta do verbo ir”

Mais de 30 anos depois, em 2011, Padre Zezinho dedica um terceiro livro a Padre Dehon, também publicado por Paulinas: “João Leão Dehon: o profeta do verbo ir”. O próprio autor afirma ter sido solicitado a reescrever uma biografia do seu Fundador para os jovens de hoje, mas que na verdade decidiu fazer um “voo panorâmico” com reflexões que vão e voltam sobre a vida e os escritos de Padre Dehon¹⁴. Padre Zezinho caracteriza João Leão Dehon como profeta porque não tinha medo de fazer política e não fugia de temas controversos: não era qualquer profeta, mas “profeta do verbo ir”, capaz de ir ao encontro da difícil realidade social e política do seu tempo, entre meados do século XIX e início do século XX, e contribuir de maneira eficaz para mudar uma sociedade injusta.

O *curriculum* de Padre Dehon apresentado por Padre Zezinho é vasto: “foi advogado, sociólogo, filósofo, teólogo, conselheiro político de sindicatos de patrões e operários, escritor de mais de 30 livros, jornalista, educador, líder de jovens, diretor de colégio, fundador e diretor de revista, conferencista e, além disso, fundador de uma congregação de padres e irmãos, dedicada à reparação de

13. *Idem*, p. 5-6.

14. Cf. José Fernandes de OLIVEIRA, *João Leão Dehon: o profeta do verbo ir*, 2011, p. 22-23.

desvios e pecados da sociedade”¹⁵. Tal descrição acentua o aspecto social do sacerdote francês que adotou a expressão “ir ao povo” como jeito de viver a fé católica, sem deixar de considerar a mística que sustentou esse ideal: levar o coração de Cristo para homens de coração novo. Na visão de Padre Zezinho, o profetismo de Padre Dehon soube conciliar mística e ação social e política: “místico até o recôndito da alma, ele foi, também, um ativista até o último fio de cabelo”¹⁶, soube ir ao cerne da questão e foi um dos pioneiros do engajamento sociopolítico da Igreja.

As reflexões sobre a vida e os escritos desse “profeta do verbo ir” propostas nesse livro abrem espaço para que Padre Zezinho dialogue com questões que tocam a realidade atual da missão da Igreja: a coragem de envolver-se em questões sociais e políticas; a santidade vivida como relação com o próximo, especialmente aqueles que são vítimas de injustiças sociais; a fidelidade ao ensinamento eclesial hierárquico, principalmente o magistério papal; a intrepidez e a preparação necessárias para anunciar o Reino através da mídia; a capacidade de identificar as doenças do próprio tempo e prescrever os remédios eficazes. Essas são notas do profetismo de Padre Dehon, vivido particularmente em três verbos que marcaram profundamente a sua vida: “ir”, “anunciar”, “reparar”¹⁷.

Podemos dizer que, em “João Leão Dehon: o profeta do verbo ir”, Padre Zezinho toma a justa distância afetiva do sacerdote francês que é seu Fundador para apresentá-lo como um profeta que às vezes se enganou, e não teve medo de admiti-lo¹⁸, mas que ao mesmo tempo não deixou de dar uma resposta à dor que dói nos pobres e que dói no coração de Cristo. Essa foi uma resposta de “reparação” vivida na mística do “ir ao povo”. E Padre Dehon precisou aprender a dosar entre a sua gentileza e o seu amor pela verdade e pela justiça: foi o João que vê ao longe e o Leão que ruge, foi profeta que anuncia e que denuncia¹⁹. Padre

15. *Idem*, p. 25.

16. *Idem*, p. 32.

17. Cf. *Idem*, p. 77.

18. Cf. *Idem*, p. 124.

19. Cf. *Idem*, p. 177-178.

Zezinho conclui sua obra com um testemunho pessoal daquilo que aprendeu com Leão Dehon, do que significa ser dehoniano. E afirma que “ir ao povo é mais do que uma canção: é desafio de uma vida!”²⁰.

2. Musicografia

Além dos livros biográficos, outra importante e rica fonte para compreender a visão de Padre Zezinho sobre Padre Dehon é a sua musicografia. Certamente, muitas canções compostas por Padre Zezinho são imbuídas da espiritualidade e do pensamento que o Fundador comunicou à sua Congregação e ao próprio compositor. Poderíamos citar alguns discos que são, particularmente, inspirados na temática dehoniana: o EP “Ao Coração de Cristo”, gravado em 1974, com cantos para uma missa de consagração ao Coração de Jesus, como recomendava insistentemente o seu Fundador; o LP “Ir ao povo”, lançado em 1994, com cantos inspirados num dos grandes lemas assumidos por Padre Dehon; o CD “Canta Coração”, projeto com outros religiosos da Congregação, gravado no ano 2000, que reúne canções da espiritualidade dehoniana; o CD “Contemplativo – Quando me chamastes”, lançado no ano 2004, em comemoração dos 40 anos de canção e de sacerdócio, que canta a graça do ministério como dehoniano; o CD “Caritas Christi”, gravado em 2009, por ocasião do XXII Capítulo Geral da Congregação, com cantos que reúnem os grandes temas da espiritualidade dehoniana. Mas, com certeza, é o LP “À sombra de tuas asas”, produzido pela Sono-Viso em 1978, por ocasião do primeiro centenário de fundação da Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, e remasterizado em 2015 pela gravadora Paulinas COMEP, o álbum que melhor apresenta a imagem que Padre Zezinho constrói de Padre Dehon. Por se tratar de um disco comemorativo do centenário da Congregação, suas músicas são um convite para mergulhar na espiritualidade que Padre Zezinho herdou de seu Fundador.

20. *Idem*, p. 204.

Entre as canções desse álbum, está “Cantiga por um Sonhador”, a única música em que Padre Zezinho narra a vida de Padre Dehon e, por isso mesmo, importante referência para compreender o que pensa a seu respeito.

3. “Cantiga por um Sonhador”

A canção “Cantiga por um Sonhador” aparece por ocasião do primeiro centenário de fundação da Congregação, precisamente quando Padre Dehon emitiu os seus primeiros votos religiosos, em 28 de junho de 1878. Por isso mesmo, através dessa canção, Padre Zezinho associa a fundação do instituto com a vocação de seu Fundador. Podemos dizer que “Cantiga por um Sonhador” é uma biografia de Padre Dehon que considera, porém, somente a sua juventude – “um rapaz aos dezoito anos de vida” – e particularmente o seu discernimento em relação à vocação presbiteral e aos conflitos familiares vividos nesse contexto. Deduzimos assim, que Padre Zezinho identifica já no discernimento da vocação presbiteral de Padre Dehon o discernimento da sua vocação de fundador; mesmo porque, segundo a canção, o ideal que motiva a decisão de ser padre é o mesmo daquele de fundar uma congregação religiosa: “pregar o reino de Deus, lutar pelos oprimidos...”.

Para identificar as possíveis fontes de Padre Zezinho na composição de “Cantiga por um Sonhador”, precisamos ir antes de tudo às fontes biográficas do próprio Padre Dehon, que deixou pelo menos duas grandes “obras autobiográficas”, se assim as podemos nomear. Uma delas, na verdade, trata-se de suas anotações pessoais quotidianas, uma espécie de “Diário” que Padre Dehon escreveu por quase toda a sua vida, a partir de 1865, quando havia 22 anos e era seminarista em Roma, até próximo de sua morte em 1925. Infelizmente, nem tudo foi conservado e o que se conhece são 45 cadernos manuscritos que compreendem suas anotações entre o fim de 1867 e início de 1870 (cadernos 1 e 2) e a partir de janeiro de 1886 até julho de 1925 (cadernos 3 a 45),

um mês antes do seu falecimento²¹. Parece que a partir de 1873, e mais precisamente entre 1878 e 1879, primeiros anos de fundação da Congregação, Padre Dehon não teve muito tempo para escrever seu diário pessoal, como atestam as suas “Memórias”, de que falaremos logo abaixo. De qualquer modo, os dois primeiros cadernos sobretudo nos oferecem abundantes informações sobre o período que Padre Dehon foi seminarista e viveu intensamente seu discernimento vocacional: esses dados, de algum modo, foram recolhidos pelo Padre Zezinho na composição de “Cantiga por um Sonhador”.

A segunda fonte autobiográfica, à qual já referimos, é “Memórias”, obra que Padre Dehon começou a escrever em 3 de março de 1886²², mas que foi composta em sua maior parte no período entre 1897 e 1902, durante a sua longa estadia em Roma. Padre Dehon não escreveu “Memórias” com fins de publicação, mas, sobretudo, para deixar aos seus “filhos espirituais”, os membros da Congregação, um testemunho da ação de Deus em sua vida que proporcionou o surgimento do instituto. Logo, podemos dizer que “Memórias” é uma “teologia” da vida de Padre Dehon, uma “teografia”²³ que narra a sua experiência de fé e a presença ativa de Deus na sua história. Os 15 cadernos manuscritos que compõem “Memórias” compreendem os 45 primeiros anos da vida de Padre Dehon, desde seu nascimento em 14 de março de 1843 até a audiência com o Papa Leão XIII em 6 de setembro de 1888, data que confirma a aprovação pontifícia do

21. Esses 45 cadernos são conhecidos como “*Notes Quotidiennes*”. Para citações, usaremos a sigla *NQT*, indicando o número do caderno e o número do parágrafo do texto disponível eletronicamente na sua língua original francesa em <http://www.dehondocsoriginals.org/publicati/JRN/NQT>.

22. Cf. *NQT* 3/31.

23. O termo “teografia”, cunhado pelo jesuíta Ulpiano Vázquez com base nos exercícios espirituais de Santo Inácio de Loiola, indica a leitura da ação de Deus na vida e no coração da pessoa, a compreensão da vida humana como uma história escrita pelas mãos de Deus (cf. Ulpiano VAZQUEZ, *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*, 2001, p. 10).

seu instituto²⁴. Para o restante de sua biografia, a partir de 1888, o próprio Padre Dehon remete ao seu “Diário”²⁵. Porque trata dos seus primeiros anos de vida, em “Memórias”, Padre Dehon fala abundantemente do seu discernimento vocacional, dos conflitos familiares, do seu período de formação seminarística e de todo o processo de fundação da Congregação. Assim sendo, essa fonte certamente pode ter oferecido ao Padre Zezinho informações valiosas para a composição de “Cantiga por um Sonhador”.

Membro da Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus há mais de 50 anos, Padre Zezinho desde muito jovem teve contato com a vida e o pensamento do fundador de sua família religiosa. Como acontece em qualquer instituição, após a morte do fundador, começam a circular diversas tradições a respeito das origens. Além disso, o Concílio Vaticano II, entre os anos 1962 e 1965, suscitou nas congregações e ordens religiosas um movimento de “retorno às fontes” e convidou à redescoberta da fundação e do carisma dos diversos institutos em sintonia com os novos desafios de presença da Igreja no mundo. Na Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, muitos foram os esforços, a partir de então, de aproximar-se de Padre Dehon, de fazer uma releitura de sua vida e de sua obra. Surgem diversas biografias do Padre Dehon, escritas quase sempre por membros do instituto religioso. Padre Zezinho provavelmente teve contato com algumas dessas biografias nos seus primeiros anos de sacerdócio. Mas é somente no fim dos anos 70, mais precisamente em 1978, centenário de fundação da Congregação, que Padre Zezinho apresenta ele mesmo uma “obra biográfica” do seu fundador, seja com a publicação dos dois livros já apresentados anteriormente – “Por causa de um certo reino” e “Leão Dehon em 1 minuto” – seja com a composição de “Cantiga por um Sonhador”.

Podemos dizer, portanto, que essa canção nasce da experiência pessoal que Padre Zezinho faz sobre a pessoa e o significado do

24. Esses 15 cadernos foram publicados posteriormente com o nome “*Notes sur l’Histoire de ma Vie*”. Usaremos a sigla *NHV* para citação de textos desses cadernos, indicando também o número do caderno e do parágrafo da versão eletrônica disponível em <http://www.dehondocsoriginals.org/publicati/JRN/NHV>.

25. Cf. *NHV* 15/99.

fundador na sua vida. Por isso mesmo, Padre Zezinho não se preocupa em ser tão fiel aos fatos históricos da vida de Padre Dehon. Com muita liberdade, “Cantiga por um Sonhador” quer apresentar o ideal que não somente moveu Padre Dehon, mas que se tornou também ideal de Padre Zezinho. Poderíamos mesmo dizer que Padre Zezinho busca apresentar o seu ideal de vida, o seu ideal de jovem sacerdote, através daquele jovem francês que se tornou fundador da sua Congregação.

Isso parece ainda mais evidente quando analisamos alguns elementos da canção. O primeiro deles é a linguagem utilizada: Padre Zezinho escreve como um jovem dos anos 70 que fala aos jovens. O contexto revela a importância dos “dezoito anos” na vida de um jovem, a idade da maioridade, da suposta “autonomia de vida”. Aquele rapaz de dezoito anos, chamado de “sonhador” pelo título da canção, manifesta o seu desejo de assumir as responsabilidades de suas escolhas pessoais, mesmo “sem saber muito” das coisas da vida. A canção fala de uma “ideia atrevida”, quase revolucionária e insurgente contra a opinião dos pais. Essa ideia atrevida que move aquele “rapaz aos dezoito anos de vida” é muito próxima das “ideias atrevidas” que agitam os jovens no contexto social e eclesial latino-americano do fim dos anos 70: lutar pelos oprimidos, numa realidade onde “o medo é demais” e onde a paz é tão necessária. Certamente, essa é uma experiência vivida pelo Padre Dehon, mais especificamente a partir dos seus primeiros anos de ministério presbiteral, entre 1871 e 1878, em contato com a população operária de São Quintino²⁶. Mas essa não é menos a experiência do próprio Padre Zezinho nos seus primeiros anos de sacerdócio, em contato com os desafios sociais e os clamores dos milhares de jovens dos arredores do Santuário São Judas Tadeu, em São Paulo, e de todo o Brasil naquele período de ditadura militar.

Um outro elemento que nos faz perceber o quanto o autor da canção se aproxima daquele ideal apresentado é o fato que ele mesmo se insere na canção, na última estrofe. Inesperadamente, o texto passa à primeira pessoa do singular e ao tempo presente: “hoje eu canto”. Aquele “sonhador”, o “rapaz aos de-

26. Cf. *NHV* 9/93-94.

zoito anos de vida”, torna-se “meu fundador”. E a “ideia atrevida” de Padre Dehon passa a ser o estribilho que Padre Zezinho segue “cantando ao seu lado”. Esse encontro entre Padre Dehon e Padre Zezinho apresentado pela última estrofe é, na verdade, todo o fundamento de “Cantiga por um Sonhador”. Mais do que a pessoa de Leão Dehon, o que a canção canta, com um notável acento afetivo, é o significado dessa figura na vida do compositor que confessa: “o que sei de Jesus” foi ele (Padre Dehon) “quem deu o recado”. Aqui vemos claramente quem é Leão Dehon para Padre Zezinho: seu fundador, seu educador, seu companheiro de estrada.

Um último elemento textual importante, antes de analisarmos cada uma das estrofes e o refrão de “Cantiga por um sonhador”, é o modo como Padre Zezinho apresenta Padre Leão Dehon. O seu sobrenome aparece na segunda estrofe: “e naquele solar dos Dehon”. A família “Dehon” é uma família da alta aristocracia de La Capelle: é uma família rica e muito influente na vida social da cidade, sobretudo no campo da política. Padre Leão Dehon era “filho de Júlio Dehon”, como diz a canção, homem que foi prefeito de São Quintino e empresário no setor equestre, negócio muito próspero na sociedade campesina do norte da França no século XIX²⁷. Mas o elemento textual que chama a atenção é o fato que Padre Zezinho ao longo de toda a canção, nas suas cinco estrofes, chama o seu fundador de João. Mas quem é João? O nome de Padre Dehon era “Leão”, mais precisamente Leão Gustavo. Por que Padre Zezinho fala de João? Para responder a essa questão, primeiro é importante esclarecer que, de fato, muitas vezes o Padre Dehon utilizou o nome “João” como nome próprio. Isso porque, no contexto de vida religiosa anterior ao Vaticano II, era habitual que um religioso, ao fazer sua profissão, assumisse um novo nome, o chamado “nome religioso”, e Padre Dehon, quando emitiu os seus votos em 28 de junho de 1878, data que marca a fundação da Congregação²⁸, assumiu como nome religioso “João do Coração de Jesus”. Era com esse nome que assinava muitos documentos e escritos com validade interna no Instituto.

27. Cf. *NHV* 1/9.

28. Cf. *NHV* 13/76.

Mas porque escolheu o nome João? Por uma devoção pessoal ao apóstolo João, o mais jovem dos apóstolos, aquele que era mais ligado afetivamente a Jesus segundo a tradição dos evangelhos, aquele que deitou sobre o Coração de Jesus na última ceia (cf. Jo 13,23-25), que foi o único fiel aos pés da cruz ao lado da Virgem Maria (cf. Jo 19,25-27), e que viu e testemunhou a transfixão do Coração de Jesus na cruz (cf. Jo 19,31-37). Logo, a devoção que Padre Dehon nutria pelo apóstolo João era, na verdade, um desdobramento da sua devoção ao Coração de Jesus, recebida desde criança da sua mãe, Estefânia Vandelet, que exerceu um papel importante na educação religiosa do filho²⁹. O nome “João” é o nome de quem quer ser amigo do Coração de Jesus. O nome “João” simboliza o ardor de um jovem discípulo. Padre Dehon adota esse nome somente em 1878, aos seus 35 anos, mas Padre Zezinho chama o fundador de “João” desde quando era ainda “moço demais”, “aos dezoito anos de vida”, para dizer que, já nos seus primeiros ideais estava presente aquele de ser o “João do Coração de Jesus”, fundador de sua Congregação, um jovem apóstolo de Jesus e apaixonado pelo seu Coração.

Mas o nome “João” tem também uma função social em “Cantiga por um sonhador”. Na sociedade brasileira, “João” é um nome muito popular. Dizer que alguém é um “João”, na compreensão popular, significa dizer que é uma pessoa comum, que vive uma vida quotidiana ordinária, sem nada de espetacular. Logo, ao afirmar que o seu fundador era um “João”, Padre Zezinho apresenta o Padre Dehon como um jovem que viveu como tantos outros jovens os mesmos sonhos e ideais, mas ao mesmo tempo como alguém que, na trivialidade de um “João”, conseguiu superar as expectativas e fazer algo extraordinário, e propor algo extraordinário válido ainda hoje, capaz de transformar o mundo e a sociedade do seu tempo. Eis a função social do nome “João”, fundamental em “Cantiga por um sonhador”.

Passemos à análise de cada uma das estrofes o do refrão de “Cantiga por um sonhador” para decifrarmos a imagem de Padre Dehon que Padre Zezinho nos quis transmitir.

29. Cf. *NHV* 1/6-8.

3.1 Primeira estrofe: era moço demais...

Era moço demais pra saber que caminho devia escolher. Não podia por certo entender estas coisas que a vida é que ensina. Afinal, o que sabe um rapaz aos dezoito anos de vida? Tudo isto escutara João quando ele apareceu lá na casa dos pais, cultivando esta ideia atrevida...

A primeira estrofe de “Cantiga por um sonhador” introduz, já no seu primeiro verso, o drama vocacional vivido pelo jovem “João”: era moço demais, ainda imaturo, indeciso, vacilante para fazer uma escolha que empenha toda a vida. A incapacidade de entender o próprio caminho revela a falta de experiência que só a vida poder trazer. Põe-se a questão, a mesma que “João” escutara dos seus pais quando fala pela primeira vez sobre a sua vocação: o que sabe um rapaz aos dezoito anos de vida? É chegada a maioridade, mas ainda falta tanta experiência! O interrogativo posto por Padre Zezinho nessa primeira estrofe nos convida a olhar mais de perto qual era a realidade vivida pelo jovem Leão Dehon nos seus 18 anos de idade.

Em 1861, ano em que completara 18 anos, Leão Dehon se encontrava em Paris. Quando ainda tinha 16 anos, começara a faculdade de Direito e, portanto, em 1861, estava concluindo o segundo ano do curso. Na sua autobiografia, as *Memórias (Notes sur l’Histoire de ma Vie)*, Padre Dehon apresenta as experiências fundamentais desse período, sobretudo no sentido vocacional. Vê como uma etapa fundamental para o amadurecimento do seu discernimento esse período de estudos e de conhecimentos gerais vividos na capital francesa. Para um rapaz nascido numa realidade rural do norte da França, estar na grande Cidade-Luz e ter contato com a vasta riqueza cultural, inserir-se num ambiente acadêmico e conhecer pessoas de tantos lugares diversos foi uma “revolução”, um alargamento de horizontes que permitia reinterpretar a própria experiência de fé. Padre Dehon reconhece a importância dessa etapa em Paris antes do seu ingresso no Seminário Francês em Roma, no ano 1865:

Hoje compreendo porque a Divina Providência me fez passar por esse estudo de Direito. Onde andaria aos 16 anos?

Era muito cedo para ir a Roma. Teria aproveitado menos de Roma sendo assim tão jovem [...]. Nosso Senhor me queria antes em Paris onde se encarregaria de vigiar a minha alma; e esse período de cinco anos devia ser para mim extremamente precioso pelos estudos mesmos, pelas relações, pelo conhecimento de mundo, pelas viagens³⁰.

É importante, portanto, entender que o jovem Leão Dehon tinha já uma atração pela vocação sacerdotal e o desejo de entrar no seminário quando foi estudar Direito em Paris. Esse despertar vocacional foi vivido antes. Evidentemente, a educação católica que recebeu no seio de sua família, e particularmente de sua mãe, muito devota ao Sagrado Coração de Jesus, teve um papel importante. Mas fundamental foi o período de estudos médios vividos numa escola interna de caráter religioso em Hazebrouck, uma pequena cidade do Nordeste da França, entre os anos 1855 e 1859, entre os 13 e 16 anos de idade do adolescente Leão Dehon. O pai Júlio Dehon queria oferecer aos dois filhos, Leão e Henrique, a oportunidade de fazer os estudos de liceu com uma qualidade melhor do que aquela possível em La Capelle. Influenciado por uma doméstica da família, que era amiga de um dos professores do colégio de Hazebrouck, o senhor Boute, Júlio Dehon tomou a decisão de enviar os dois garotos para fazer seus estudos nesse colégio. O professor Boute e também o diretor do colégio, o senhor Dehaene, tiveram uma grande importância na educação religiosa de Leão Dehon que, em Hazebrouck, tornou-se coroinha, recebeu o sacramento da Confirmação e fez sua primeira experiência vocacional na noite de Natal de 1858, como conta em *Memórias*:

Fico confuso de tanto reconhecimento quando vejo como Nosso Senhor preparou e conservou maravilhosamente a minha vocação. Ele me colocou num meio favorável ao seu nascimento. A casa de Hazebrouck era um colégio, mas de fato uma boa parte dos alunos se destinava ao seminário. O senhor Dehaene ajudava aqueles em quem reconhecia essa

30. NHV 1/80. Para as citações de “Memórias” apresentaremos uma tradução própria do texto original em francês.

vocação. O primeiro chamado divino é obscuro. Desde o primeiro ano já pensava às vezes no sacerdócio. No segundo retiro tomei minha resolução. E ela se confirmou na noite de Natal³¹.

Concluídos os estudos de liceu em Hazebrouck e obtido o bacharelado, nas férias de verão de 1859, de volta à La Capelle, aos 16 anos – e não aos 18 anos, como diz “Cantiga por um sonhador” – Leão Dehon decide contar aos seus pais pela primeira vez o seu interesse pela vocação sacerdotal e pede para ingressar no Seminário São Sulpício, em Paris. Os pais são decididamente contrários e Júlio Dehon decide que o filho deveria estudar o curso politécnico de Direito. Eis como Padre Dehon narra esse momento de conflito com a família:

Depois de alguns dias de férias declarei a minha vocação ao meu pai e à minha mãe. Eles deviam já suspeitar de alguma coisa, mas mesmo assim foi como raio. Meu pai entreviu todo o futuro. Daí em diante, houve nele uma luta entre a esperança e o receio. Ele queria convencer-se de que eu mudaria de ideia, mas não ousava esperar isso. Em suma, adiou o meu projeto para muito longe. Pedi-lhe que me deixasse ir para São Sulpício; respondeu que nunca me permitiria. Desde esta primeira revelação, fiz-lhe entender que acreditava firmemente numa vocação real, à qual continuaria fiel, mesmo que tivesse de esperar que a maioria me desse liberdade. Foi então decidido que eu me prepararia ao politécnico. Meu pai colocou-me, no começo das aulas em outubro, no Instituto Barbet, rua das Feuillantines, não longe do Panteão. Iria, portanto, passar cinco anos em Paris³².

Apesar da oposição da família, que decide enviar Leão Dehon não para o seminário, mas para a escola politécnica de Direito, no coração daquele jovem continuaria sempre presente aquele ideal, nas palavras de Padre Zezinho, aquela “ideia atrevida”

31. *NHV* 1/57.

32. *NHV* 1/63-64.

que provocou uma grande mudança na casa da família Dehon. É no refrão de “Cantiga por um sonhador” que Padre Zezinho nos apresenta essa ideia atrevida do jovem “João” e que será a linha condutora da sua vocação sacerdotal.

3.2 Refrão: a ideia atrevida - pregar o Reino de Deus...

Pregar o Reino de Deus, lutar pelos oprimidos. Levar a força do amor onde manda o rancor e onde o medo é demais. Viver por um ideal, pelo bem contra o mal e a serviço da paz.

Nessas breves e fortes expressões, Padre Zezinho expressa a “ideia atrevida” de Padre Dehon. São expressões que certamente têm seu fundamento nos escritos mesmos do sacerdote francês, mas que não deixam de ser uma interpretação da visão que Padre Zezinho tem de seu Fundador e do ideal que dele recebeu.

A pregação do Reino de Deus certamente esteve no horizonte de Leão Dehon. Na verdade, o termo que aparece de forma constante nos seus escritos é o “Reino do Coração de Jesus”. De fato, Padre Dehon fundou uma revista cujo título era “O Reino do Coração de Jesus nas almas e nas sociedades”: sua proposta unia devoção ao Coração de Jesus com dimensão social e política do seu Reino, na superação das injustiças e da opressão, sobretudo das classes operárias e dos mais pobres, e na instauração de um regime político – a democracia cristã – que colocasse ao centro da vida da sociedade o Coração de Jesus e os valores e costumes cristãos. Padre Dehon abraçou esse ideal com toda a sua vida e um dos sinais concretos do seu empenho em promover o Reino do Coração de Jesus foi a fundação da Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, cujo lema é *Adveniat regnum tuum* – “Venha a nós o teu reino”.

Esse ideal cultivado pelo Padre Dehon nasce particularmente da experiência dos seus primeiros anos de ministério em São Quintino, cidade do norte da França marcada pela revolução industrial e pelos problemas enfrentados pelos proletários: numa sociedade onde reina o ódio, o rancor, o medo, só o amor tem força de transformação. Em “Cantiga por um sonhador”, Padre Zezinho

antecipa essa experiência do jovem “João”, entrevendo já na sua educação familiar e na sua formação religiosa uma devoção ao Coração de Jesus que inspira essa sensibilidade social, aflorada anos mais tarde. O ideal já estava presente no coração daquele “rapaz aos dezoito anos de vida”. E certamente esse ideal, “pelo bem, contra o mal, a serviço da paz”, impulsionou os passos de Padre Dehon até o fim de sua vida.

3.3 Segunda estrofe: o conflito aumentou e doeu...

E naquele solar dos Dehon, o conflito aumentou e doeu. No silêncio do filho João e na angústia do pai que se opunha. Afinal, o que sabe um rapaz aos dezoito anos de vida? Mas o filho de Júlio Dehon foi pra escola estudar como quis o seu pai, cultivando esta ideia atrevida...

A segunda estrofe de “Cantiga por um sonhador” afirma categoricamente: o conflito aumentou e doeu naquele solar dos Dehon. É o conflito em torno da vocação de Leão Dehon que, mesmo estando em Paris para os estudos de Direito, continuava a alimentar o desejo de corresponder ao chamado divino e ingressar no seminário. Em Paris, o jovem Leão Dehon logo retomou os piedosos hábitos do colégio de Hazebrouck e encontrou os meios para perseverar e progredir no cultivo de sua vocação: confessava-se semanalmente na igreja de São Sulpício, assistia quase diariamente à missa, entrou para o Círculo Católico e associou-se à conferência de São Vicente de Paulo³³.

Leão Dehon encontrou um confessor na igreja de São Sulpício, o Padre Prével, que foi um importante conselheiro do seu discernimento vocacional. Foi quem primeiro inspirou a ideia de prosseguir os estudos seminarísticos em Roma. A seu respeito, Dehon assim escreve nas suas *Memórias*: “Falei-lhe da minha vocação. Falou-me muito de Roma. Já a tinha visitado. Conservava-se fiel às mais sãs doutrinas teológicas, e muito contribuiu para levar o meu espírito a desejar estudar em Roma, e a fazer-me desconfiar

33. Cf. *NHV* 1/67.

do liberalismo [...]. Ele teve a melhor influência sobre os primeiros três anos da minha vida de estudante”³⁴.

Segundo “Cantiga por um Sonhador”, o período dos estudos em Paris foi um tempo de silêncio de Leão Dehon a respeito da sua vocação. Sabia da oposição do pai, mas nutria a esperança que, após concluir os estudos de Direito, o pai consentiria com o seu desejo de ser padre. Assim escreve: “Não perdi de vista a minha vocação. Tinha mesmo algumas esperanças de obter de meu pai a liberdade de segui-la, depois da minha licenciatura”³⁵. Por isso, dedicou-se aos estudos, “foi pra escola estudar como quis o seu pai”, defendeu a tese de Direito para corresponder às expectativas paternas e poder, enfim, abraçar o seu ideal. Lemos ainda essas suas palavras: “Eu era doutor. Era uma etapa importante da minha vida. Eu tinha prometido a meu pai de chegar até aí. Podia esperar agora que ele me deixasse seguir a minha vocação”³⁶.

Apesar da oposição do pai, o jovem “João” continuava a cultivar aquela “ideia atrevida”. Em *Memórias*, relembra a convicção reforçada no tempo dos estudos em Paris e o desejo sempre crescente de realizar seus estudos eclesiásticos em Roma:

A minha vocação mantinha-se firme. Meu Deus, mais uma vez eu vos manifesto aqui toda a minha gratidão. Eu não tinha hesitações. Queria ser de Deus. Queria ser padre. Perguntava a mim mesmo onde deveria fazer os meus estudos [...]. Estava decidido por Roma. A lógica do meu espírito dizia-me que a água é mais pura na nascente do que no regato, e que a doutrina e a devoção mais facilmente e mais plenamente se alcançam no centro do que em qualquer outra parte³⁷.

34. *NHV* 1/70.

35. *NHV* 1/120.

36. *NHV* 2/127.

37. *NHV* 2/128.

3.4 Terceira estrofe: viajar pelo mundo...

Foi assim que João resolveu quando a idade madura chegou. Mas o pai de João não cedeu e o mandou viajar pelo mundo. E nas margens do Rio Jordão, onde o Mestre um dia estivera, pareceu-lhe escutar a Jesus que o mandou regressar para a casa dos pais, cultivando esta mesma quimera...

Era outono de 1864. Leão Dehon tinha 21 anos quando concluiu a sua tese doutoral em Direito: a idade madura chegou, como canta Padre Zezinho, e “João” resolveu assumir a vocação e entrar no seminário. Mas o pai não quis ceder e, querendo persuadir o filho a mudar de ideia, manda-o viajar pelo mundo, até chegar à Terra Santa. As palavras dessa terceira estrofe de “Cantiga por um sonhador” traduzem com fidelidade aquilo que Padre Dehon escrevera nas suas *Memórias*:

Ao voltar a La Capelle eu tinha de tratar o grande problema da minha vocação com a minha família. Era difícil. Meu pai bem me tinha prometido outrora que me deixaria livre quando eu fosse doutor, mas agora que o tempo tinha chegado ainda não queria render-se. A Providência divina serviu-se destas disposições do meu pai para me conduzir aos lugares Santos onde a minha fé e a minha vocação encontrariam tanta força. Palustre propôs-me esta viagem. Falei nisso a meu pai. Para ganhar um ano e na esperança de que uma grande diversão mudaria as minhas ideias, ele deixou-me fazer a viagem³⁸.

Padre Dehon considerou essa viagem como uma das grandes graças da sua vida³⁹. Em presença de seu amigo Leão Palustre, foi a ocasião não para desistir da sua vocação, como queria o pai, mas para sentir-se cada vez mais confirmado no chamado de Deus. Padre Zezinho narra a experiência do jovem “João”, “nas margens do Rio Jordão”, quando “pareceu-lhe escutar a Jesus”.

38. NHV 2/130.

39. Cf. NHV 2/131.

Em *Memórias*, não temos nenhuma referência a essa experiência: sabemos unicamente que Padre Dehon considerou o vau do Jordão, lugar onde paravam os peregrinos, um dos lugares mais bonitos da Palestina, um belo espetáculo da natureza que eleva a alma para Deus, e que ele se banhou nas águas do rio para renovar as graças do próprio batismo⁴⁰. Não poucas vezes Padre Dehon associou a graça do seu batismo, nas vésperas da festa da Anunciação do Senhor, como um prelúdio da sua vocação: é provável que essa experiência de renovação das graças batismais às margens do Jordão tenha dado um sentido ainda mais profundo à sua vocação. Em “Cantiga por um sonhador”, o jovem “João” volta para a casa dos pais cultivando a sua ideia atrevida. Na verdade, concluída a viagem à Terra Santa, Leão Dehon passa ainda por Roma antes de regressar a La Capelle: em Roma, é recebido em audiência particular pelo Papa Pio IX e decide ingressar no seminário na Cidade Santa⁴¹.

3.5 Quarta estrofe: as batalhas e a vitória do seu ideal...

E as batalhas que João enfrentou, os caminhos que teve de andar. As histórias que João escutou e a tristeza de ver proibido o seu sonho de moço e rapaz aos dezoito anos de vida. A vitória do seu ideal quando o pai concordou e entendeu afinal do seu filho esta ideia atrevida...

Na quarta estrofe de “Cantiga por um sonhador”, Padre Zezinho recorda todas as batalhas que o jovem Leão Dehon precisou enfrentar e os longos caminhos que teve de andar para enfim realizar o seu “sonho de moço e rapaz aos dezoito anos de vida”. Enfim, o pai concorda com a decisão do filho e entende aquela sua ideia atrevida. Na verdade, essa aceitação não foi muito imediata e nem mesmo pacífica. Padre Dehon descreve nas suas *Memórias* qual foi a decepção dos pais naquela circunstância e a sua firmeza na decisão:

40. Cf. *NHV* 3/192.

41. Cf. *NHV* 4/109-113.

Meu pai sofria cruelmente da minha decisão. Ele não entendeu nada. Todos os seus castelos na Espanha estavam desmoronando. As minhas grandes conquistas lhe deram orgulho. Ele sonhou para mim uma carreira honrosa de acordo com o mundo. Durante muito tempo ele desejou para mim a escola politécnica. Agora que eu tinha feito Direito, ele me destinava à diplomacia ou à magistratura. Minha mãe, com quem eu contava para me ajudar, me abandonou completamente. Ela era piedosa, queria-me piedoso, mas o sacerdócio a assustava. Pareceu-lhe que eu não seria mais um da família, que estaria perdido para ela. Eu tive que endurecer meu coração para resistir a todos os ataques que tive que sofrer. Às vezes eu fui duro com meus pais. Era necessário. Disse a eles que já era maior de idade e que pretendia ser livre. Concordou-se que eles me deixariam partir, mas as cenas de lágrimas eram frequentemente repetidas⁴².

Ao longo de todo o período de seminário, entre os anos 1865 e 1868, Leão Dehon precisou conviver com a incompreensão dos pais. Não foram poucas as dificuldades, sobretudo nos momentos de férias, e o jovem rapaz francês precisou ser forte e persistente para manter-se em sua decisão, contrariando os afetos da família. Como afirma o próprio Padre Dehon, só na ocasião de sua ordenação presbiteral, em 19 de dezembro de 1868, quando recebe a bênção sacerdotal do filho, entre lágrimas, o pai se deixa ganhar pela sua vocação⁴³. Esse conflito vocacional parece ter causado um grande impacto na experiência que Padre Zezinho faz de seu Fundador, ao ponto de considerar a fidelidade àquela “ideia atrevida” uma grande virtude do jovem sonhador e a vitória do seu ideal.

3.6 Quinta estrofe: o que aprendi do meu Fundador

Hoje eu canto com meu Fundador as cantigas do Reino de Deus. Não consigo por certo entender tudo aquilo que João en-

42. NHV 4/115.

43. Cf. NHV 6/85.

tendia. Afinal o que sei de Jesus, foi João quem deu o recado e os caminhos da reparação por Jesus inocente e por seu coração eu cultivo cantando ao seu lado...

A última estrofe de “Cantiga por um sonhador” dá um salto no tempo e canta a experiência que Padre Zezinho faz de encontro com seu Fundador. Não é mais Padre Zezinho que ensina sobre Padre Dehon, mas apresenta o que dele aprendeu: cantar as cantigas do Reino de Deus. Com humildade, Padre Zezinho reconhece que não consegue entender tudo o que moveu o jovem “João”, aquele sonhador, no seu ideal, mas afirma que dele recebeu o que sabe de Jesus.

Podemos encontrar nas palavras dessa última estrofe uma verdadeira compreensão do “carisma de fundador” de Padre Dehon: a sua experiência de fé, que nasce da contemplação do lado transpassado de Cristo na Cruz (cf. Jo 19,34) e da compreensão de um amor que se entrega por nós (cf. Gal 2,20), é base da vida da Congregação por ele fundada e inspiração para todos os membros desse instituto⁴⁴, inclusive para o próprio Padre Zezinho. O que sabe de Jesus, conforme o recado dado por “João”, é que Deus tem um coração que se entrega por amor.

Essa experiência carismática fundacional se traduz na missão da Congregação, sintetizada pela palavra “reparação”. Padre Zezinho explicita que os caminhos de reparação pelo Coração de Jesus promovem sua comunhão com o Fundador e permite-lhe cantar, ao seu lado, o mesmo ideal. Assim, a ideia atrevida do jovem “João” não fica presa ao passado, ao seu contexto histórico, mas continua a ser aquela ideia atrevida que move Padre Zezinho e tantos outros que se unem a Leão Dehon no mesmo projeto de lutar pelo Reino do Coração de Jesus nas almas e nas sociedades de todos os tempos.

44. Cf. Cst 2-5.

Conclusão

O confronto dos três livros biográficos com a canção “Cantiga por um sonhador” nos oferece elementos documentais que indicam o ensinamento de Padre Zezinho sobre Padre Dehon. Com certeza, muitos outros livros e músicas de Padre Zezinho poderiam enriquecer a compreensão de sua visão sobre o seu Fundador e a obra da Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus. Limitamo-nos aos aspectos biográficos do sacerdote francês segundo apresentação do nosso autor. Para Padre Zezinho, como para os demais religiosos da sua Congregação e para muitos homens e mulheres que bebem da espiritualidade dehoniana, Padre Dehon é um modelo não apenas pela sua história, mas sobretudo pela sua experiência de fé e pela sua atuação na Igreja e na sociedade. A obra de Padre Zezinho é toda imbuída do pensamento de seu Fundador e enriquecida pela experiência da realidade atual. Padre Zezinho compreendeu que Padre Dehon é um homem que viveu para além do seu tempo e, por isso mesmo, um exemplo válido para os nossos dias.

Padre Zezinho não tem receio de propor Padre Dehon como modelo a ser imitado por todos os cristãos conscientes de sua missão na Igreja e na sociedade. Para ele, a santidade de vida do Fundador vai além do culto nos altares, ainda em expectativa de sua beatificação: é uma santidade vivida no cotidiano da vida cristã, como aquela de tantos homens e mulheres do nosso tempo; é santidade testemunhada no amor e zelo pela Igreja, no desejo por ver realizar-se na sociedade o Reino do Coração de Jesus, na preocupação e no engajamento em favor dos mais pobres e necessitados, na coragem de denunciar as situações de injustiça social, numa vida oblativa capaz da renúncia de si mesmo. A santidade de Padre Dehon, segundo Padre Zezinho, é aquela do homem que soube dar respostas concretas para o seu tempo, daquele que foi sacerdote, teólogo, filósofo, sociólogo, advogado, catequista, comunicador, divulgador do ensinamento pontifício e que buscou fazer tudo isso com qualidade e dedicação total. É, enfim, uma santidade que pode ser proposta ao nosso tempo, porque santidade vivida não como alienação,

mas como inserção total na realidade criada e amada por Deus. Para Padre Zezinho, esse “jovem sonhador” pode ensinar-nos a sonhar e lutar por um mundo de justiça e de paz, pelo Reino do Coração de Jesus.

Referências

- CONGREGAÇÃO DOS SACERDOTES DO CORAÇÃO DE JESUS.
Regra de Vida: Constituições e Directório Geral. Lisboa: Província Portuguesa, 2011.
- DEHON, Léon. *Notes Quotidiennes*. Disponível em: <<http://www.dehon-docs.it?cit=NQT>>. Acesso em: 15 de agosto de 2018.
- _____. *Notes sur l'histoire de ma vie*. Disponível em: <<http://www.dehon-docs.it?cit=NHV>>. Acesso em: 15 de agosto de 2018.
- OLIVEIRA, José Fernandes. *João Leão Dehon: o profeta do verbo ir*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- _____. *Leão Dehon em 1 minuto*. São Paulo: Paulinas, 1978.
- _____. *Por causa de um certo reino: história de Leão João Dehon e de sua incrível paz inquieta*. São Paulo: Paulinas, 1978.
- VAZQUEZ, Ulpiano. *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*. São Paulo: Loyola, 2001.

